

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

---

ALFRED AGACHE, UM ARQUITETO BEAUX-ARTS NA METRÓPOLE MODERNA

Fernando Diniz Moreira (UFPE)

## **Alfred Agache, um Arquiteto *Beaux-Arts* na Metr pole Moderna**

Alfred Agache foi uma figura importante na institucionaliza o do urbanismo na França e no Brasil. Ele teve uma influência marcante no debate urbanístico brasileiro nos anos 30 e 40. Ecos do seu plano para o Rio de Janeiro puderam ser ouvidos em diversas cidades brasileiras. No entanto, a figura de Agache permanece pouco estudada no Brasil e no exterior. Os raros estudos existentes enfatizam demasiadamente a influência da nascente disciplina da sociologia em sua obra. Sem rejeitar a importância desta disciplina na forma o de Agache, este texto procura analisar como se formaram suas concep es urbanísticas, através de um ângulo que acreditamos ser ainda mais importante: Agache como arquiteto, um arquiteto formado na * cole des Beaux-Arts*. Para entendermos a forma o e as concep es de Agache, faz-se necessário estudar esta gera o de arquitetos formados na *Beaux-Arts* na primeira década do século XX. Mesmo entricheirada nas academias, esta gera o, que seria o cerne da *Société Française des Urbanistes*, estava atenta aos novos desafios urbanos e às formula es de outros campos disciplinares. Sua visão de urbanismo dominada por eixos, perspectivas, arcadas e conjuntos harmônicos de edifícios, foi capaz de se amalgamar com outros diversos saberes para criar uma nova disciplina, na qual a arquitetura deteve um papel predominante.

## **Alfred Agache, um Arquiteto *Beaux-Arts* na Metr pole Moderna**

Alfred Agache desempenhou um papel essencial na institucionaliza o do urbanismo na França e teve uma influência marcante no debate urbanístico brasileiro dos anos 1930 e 1940. Ecos do seu plano para o Rio de Janeiro puderam ser ouvidos em diversas cidades brasileiras. No entanto, a figura de Agache permanece pouco estudada no Brasil e no exterior. O pensamento urbanístico de Agache apoiava-se em um tripé que unia diferentes tradi es: a tradi o *Beaux-Arts*, elementos da sociologia e a influência de outros autores fundadores da disciplina urbanística. Os raros estudos existentes enfatizam demasiadamente a influência da nascente sociologia em sua obra (BRUANT, 1994a, 1994b, 1994c; UNDERWOOD, 1991). Sem rejeitar a importância dessa disciplina na forma o de Agache, este texto procura analisar como se formaram suas concep es urbanísticas, por meio de um ângulo que acreditamos ser ainda mais importante: Agache como arquiteto, um arquiteto formado na * cole des Beaux-Arts*.

Para entendermos a forma o e as concep es de Agache, faz-se necessário estudar a gera o de arquitetos formados na *Beaux-Arts* na primeira década do século XX. Mesmo entrincheirada nas academias, essa gera o, que seria o cerne da *Société Française des Urbanistes* (SFU), estava atenta aos novos desafios urbanos e às formula es de outros campos disciplinares. Sua visão de urbanismo, dominada por eixos, perspectivas, arcadas e conjuntos harmônicos de edifícios, foi capaz de amalgamar-se com outros saberes para criar uma nova disciplina, na qual a arquitetura deteve um papel predominante.

Após uma breve apresenta o da trajetória de Agache, procuramos sintetizar os elementos principais do do urbanismo francês defendido por profissionais que orbitavam em torno da SFU. Por fim, a terceira parte procura analisar as raízes da tradi o arquitetônica do urbanismo agachiano e da SFU.

### ***Uma vida para o Urbanismo***

Nascido em 1875, em Tours, em uma f milia de industriais têxteis, Agache foi educado na * cole des Beaux-Arts* de Paris, entre 1896 e 1905.<sup>1</sup> No entanto, ele não se limitou aos parâmetros da * cole*, já que desde o início de seus estudos ele se sentiu atraído pela cidade e buscou uma forma o paralela na sociologia.<sup>2</sup> Além disso, esteve atento às formula es da nascente disciplina do urbanismo.

As viagens também foram uma importante fonte de aprendizado para Agache. Entretanto, ao invés das tradicionais visitas à Itália e à Grécia para medir e admirar edifícios da Antiguidade Clássica, Agache, movido por seus interesses por cidades e questões sociais, preferiu visitar Inglaterra e a Escócia entre 1901 e 1903, onde estudou habitações de baixo-custo e travou contato com Patrick Geddes, cujos métodos viriam a influenciá-lo (AGACHE, 1902, 1903, LANGLADE, 1935, p.6, BRUANT, 1994b, p.101-1). Agache também viajou pela Europa Oriental e Oriente Médio, para entender a relação entre o território e os grupos sociais em ambientes ainda não afetados pela industrialização. Após passar meses na Grécia e um ano inteiro no Egito, entre 1905-1906, publicou suas observações em revistas de sociologia.

Mesmo antes de receber seu grau de arquiteto, Agache fez vários cursos de sociologia no *College Libre de Sciences Sociales* (CLSS). Também participou ativamente dos debates ocorridos no *Musée Social*. Entre 1907 e 1909, ensinou no CLSS cursos de história da arte e da arquitetura, embasados por sua abordagem sociológica. Agache ministrou o primeiro curso específico de urbanismo na França, em 1914, também no CLSS, agora chamado de *École Libre des Sciences Sociales* (TOUGERON, 1981, p.33, ANHAIA MELLO, 1928, p.77, BRUANT, 1994a, p.183).

Como assistente de Eugène Hénard, Agache participou de dois planos importantes para a cidade de Paris, ambos promovidos pelo *Musée Social*: um plano de um sistema de parques e áreas verdes nos espaços ocupados pelas fortificações (1909) e o primeiro plano geral de Paris (1911) (WOLF, 1968, p. 62-67, 80-81). Em 1912, após abrir seu escritório em Paris, a carreira de Agache deslanchou, após vencer o concurso para o plano de Dunquerque e conseguir o terceiro prêmio no concurso de Camberra, logo atrás das propostas de Walter e Marion Griffith e de Eliel Saarinen (fig.1). Em 1919, conseguiu o segundo lugar no plano de expansão de Paris, trabalhando em conjunto com Jacques-Marcel Auburtin, Edouard Redont e Albert Parenty.

Agache foi ativamente envolvido pelo processo de consolidação do urbanismo na França. Um dos fundadores da *Société Française des Urbanistes* (SFU), em 1911, foi seu secretário permanente, desde a fundação até 1939, quando emigrou para o Brasil. Ele foi vice-presidente da SFU e editor do seu jornal, *l'Urbanisme*, nas décadas de 1920 e 1930. Um grande publicista da causa do urbanismo, trabalhou com afinco para a criação de leis que implementassem planos urbanísticos.

Agache publicou profusamente durante a década de 1910. Seus primeiros trabalhos, *La Cité Jardin* (1911) e *La Cité Jardin et villes futures* (1914) advogavam o uso de elementos das

Cidades-Jardins inglesas para subúrbios os parisienses, cujas influências estavam presentes também em seus projetos para Dunquerque e Camberra. Em *La grande ville* (1914), ele assinalou os principais pontos de sua teoria do urbanismo (AGACHE, 1914, p.157-165).

Esses estudos foram sistematizados em seu principal trabalho, *Comment reconstruire nos cités détruites* (1916), escrito em parceria com Jacques Marcel Auburtin e Edouard Redont (AGACHE, AUBURTIN, REDONT, 1916). Esse livro constitui a mais completa explanação do programa da SFU, antecipando um inteiro programa de reconstrução das cidades francesas no pós-guerra. No mesmo ano, Agache publicou *Les grandes villes et leur avenir*, novamente um apelo pela adoção de princípios urbanísticos, seguido de um livro que discutia de forma inédita o tema do planejamento regional na França (AGACHE, 1917, GAUDIN, 1991, p. 29-30, AGACHE, 1918). Em *Comment faire un plan de ville*, apresentado no *Congrès Internationaux d'Urbanisme et d'Hygiene Municipal* (Strasbourg, 1923), Agache atualizou suas idéias diante do novo ambiente criado pela aprovação da Lei Cornudet e pelo aparecimento de novas tecnologias, como a fotografia aérea (AGACHE, 1923).

A década de 1920 assitiu à consolidação da figura de Agache na França. Em 1922, ele foi contratado para planejar a expansão de Dunquerque, a qual foi seguida pelos planos para Creil, Deuil-la-Barre e Poitiers. Nesses projetos, ele introduziu os princípios da Cidades-Jardim em uma disposição urbanística que lembra claramente os conceitos de unidade de vizinhança, então formulados nesse mesmo momento nos Estados Unidos. Em Deuil-La-Barre, por exemplo, as áreas periféricas foram tratadas de acordo com os princípios da cidade-jardim de forma significativamente diferente das áreas centrais, que receberam um tratamento clássico e formal (fig.2). A sua contratação para o plano do Rio de Janeiro, em 1927, foi um verdadeiro marco em sua carreira, demonstrando seu reconhecimento internacional.

No início da década de 1930, após o seu retorno do Rio de Janeiro, Agache esteve muito ativo proferindo conferências em vários países europeus e nos Estados Unidos, e também confeccionando planos para inúmeras cidades francesas, como Dieppe, St Cyr, Orleans e Tours. No entanto, em 1935, ele mostrava-se decepcionado com a incapacidade das autoridades francesas de implementarem planos urbanísticos. Esse desapontamento certamente levou-o a procurar trabalhos fora da França. Nesse período, envolveu-se com regimes autoritários, como os de Mustapha Kemal, na Turquia, para quem trabalhou em um plano para Istambul em 1934, e o

de Salazar, em Portugal, para quem projetou um plano regional para a Costa Oeste de Lisboa, a Costa do Sol (AGACHE, 1936, p.2-4; LOBO, 1998, p.42,56-57).

Em 1939, Agache escolheu exilar-se no Brasil. Aqui ele atuou como consultor do Escritório Coimbra Bueno, entre 1939 e 1945, fazendo planos para cidades como Petrópolis (1940), Curitiba (1940-43) e Vitória (1944), e também para bairros como Interlagos e uma série de pequenas cidades no litoral fluminense. Ele viveu no Brasil entre 1939 e 1959, quando retornou à França, vindo a falecer no mesmo ano.<sup>3</sup>

### ***O Urbanismo Francês e a Société Française des Urbanistes***

O enorme crescimento dos subúrbios parisienses, a carência e deficiência das habitações e a falta de higiene apontavam para um quadro em nada condizente com a rósea figura da Paris pós-Haussmann. Um amplo espectro de reformistas, que continha industrialistas, intelectuais, cientistas sociais, servidores públicos, líderes trabalhistas, colonistas, e reformadores católicos engajaram-se na tarefa de abordar a questão social francesa e passaram a pressionar por reformas (RABINOW, 1989, p.178-253; SUTCLIFFE, 1981, p.135). Esse grupo incluía figuras, como Gustave Le Bon, Frédéric Le Play, Émile Zola, Émile Cheysson, o Marechal Lyautey e Émile Durkheim, ou seja, um grupo diverso reunido em torno da melhoria das condições de trabalhos, provisão de assistência social e de habitação.

Esse grupo reformista fundou o *Musée Social* em 1894, uma instituição que acreditava que o acúmulo de conhecimentos sobre a questão social poderia ajudar na formulação de políticas sociais. Essa “maquinaria para a paz social” realizava discussões em torno de grupos de trabalho ou secções (RABINOW, 1989, p.182-184; SUTCLIFFE, 1981, p.149, ELWITT, 1980, p.447-451). A Secção de Higiene Urbana e Rural encorajou uma discussão mais especializada sobre a questão urbana. Jules Siegfried e Georges Risler eram os líderes do *Musée* nessa campanha para estabelecer planos compulsórios. Após anos de campanha e de sucessivos fracassos, tais esforços terminaram por levar à aprovação da Lei Cornudet, em fevereiro de 1919, a qual estipulava que cidades com mais de 10.000 habitantes deveriam apresentar um plano de desenvolvimento.

Da Secção de Higiene Urbana e Rural do *Musée Social*, um grupo de arquitetos, engenheiros e outros profissionais criaram a *Société Française des Urbanistes* (SFU), em 1911.<sup>4</sup> O objetivo da SFU era agregar as iniciativas e competências para o estudo do urbanismo, estudar soluções urbanísticas, trocar experiências e legitimar a nova disciplina nos círculos políticos. Os membros

fundadores da SFU foram Alfred Agache, Marcel Auburtin, Léon Jaussely, André Bérard, Ernest Hébrard, Albert Parenty, Henri Prost e Tony Garnier, todos arquitetos oriundos da *Beaux-Arts*, e que se tornaram a mais conhecida geração de urbanistas franceses. O presidente era Eugène Hénard, enquanto Siegfried e Risler eram presidentes honorários. A própria aparição do termo “urbanismo” já indicava a criação dessa nova consciência sobre a cidade.<sup>5</sup>

A nova disciplina do urbanismo, como foi concebida pelos franceses, procurou formular uma nova forma de pensar as cidades, estabelecendo um novo conhecimento, vocabulário e métodos de observação e análise. A arte do urbanismo residia na aplicação de princípios universais em contextos específicos, incluindo o estudo da região, sua geografia, a história da cidade e seus aspectos sociais e econômicos. A SFU considerava o urbanismo como uma nova ciência, respondendo às demandas da reforma social, como o próprio Agache definiu em 1913:

“... a nova ciência da cidade de construir e planejar a cidade. É uma ciência aplicada, pois tem um objetivo prático: controlar o desenvolvimento e o crescimento da cidade... Esta nova ciência agrega conhecimentos de diferentes disciplinas. O urbanismo integra o conhecimento do técnico, do sociólogo, do engenheiro, do higienista em uma nova unidade.”(AGACHE, 1914, Apud BRUANT, 1994, p.170)

Agache considerava o urbanismo uma combinação de ciência, arte e filosofia social. Essa nova ciência teria o papel de coordenar diferentes disciplinas e aplicá-las à cidade. De acordo com Agache, o urbanismo seria a síntese de muitas ciências, uma ciência operacional:

“Urbanismo é uma ciência e uma arte, e sobretudo uma philosophia social. Entende-se por Urbanismo o conjunto de regras applicadas ao melhoramento da edificação, do arruamento, da circulação e do descongestionamento das artérias públicas. É a remodelação, a extensão e o embellezamento de uma cidade levados a efeito mediante um estudo metódico da geographia humana e da topographia urbana, sem descurar as soluções financeiras.”(AGACHE, 1930, p.4)

Esse novo profissional deveria ter uma formação multidisciplinar. Como o regente de uma orquestra, esse semicientista deveria coordenar muitas disciplinas em nome do bem comum. Como já visto, a grande maioria desses profissionais eram arquitetos oriundos da *Beaux-Arts*, mas tal urbanismo não pode ser simplesmente rotulado de *Beaux-Arts*, ou neo-haussmaniano, já que integrava essa tradição com outras disciplinas, como a sociologia.

Se considerarmos o urbanismo como uma nova forma de pensar as cidades, originada de diferentes disciplinas no final do século XIX, podemos afirmar que a SFU representaria a incorporação da tradição arquitetônica a essa nova disciplina. O talento do arquiteto deveria ser

usado para criar uma cidade esteticamente harmônica. A arquitetura teve um papel preponderante na formação do urbanismo moderno francês, como será visto na próxima secção. Ao invés de ter como centro de suas preocupações o fornecimento de habitações proletárias, o urbanismo francês elegeu como tema central o espaço público, que seria a expressão a vida cívica.

Devido à sua formação oriunda da *Beaux-Arts*, os urbanistas franceses adotaram formas clássicas, exemplificadas em impressionantes perspectivas de cidades vistas como composições unificadas. No seus planos, eles usaram elementos urbanos do passado, como arcadas, blocos maciços de edifícios, emolduramento de monumentos e vistas, e perspectivas. Preocupados com a perda de uma dimensão familiar e histórica da cidade, eles procuraram reconciliar morfologias tradicionais com as inovadoras redes de infra-estrutura e de tráfego. Além de se preocuparem com o provimento de habitação e de áreas verdes, eles lançaram mão de novos instrumentos, como unidade de vizinhança, *zoning* e *greenbelts*. O urbanismo francês foi também chamado *Art Urbain*, *Art Civique*, *Dessein Civique*, *Art Social*, ou Formal Urbanism (por Gaston Bardet), ou *École Française d'Art Urbain* (por Joseph Stübben).<sup>6</sup>

Os urbanistas franceses tiveram oportunidades na França, durante os anos 1920. Além dos planos de Agache já mencionados, Tony Garnier esteve envolvido em um planejamento de longo prazo em Lyon, enquanto Jacques Gréber fez planos para Lille-Roubaix (1920) e Marselha (1933), e Prost esteve encarregado de fazer um plano completo para a região de Paris, em 1934, mas a maioria desses planos nunca foi concretizada. Apesar dos esforços do *Musée* e da SFU, os planos requisitados pela Lei Cornudet, de 1919, ainda continuavam sem ser colocados em prática, forçando muitos desses urbanistas a procurar trabalho fora da França.

Apesar desses fracassos em casa, os urbanistas franceses foram extremamente bem sucedidos em ganhar concursos e garantir encomendas no resto da Europa e na América do Norte, como o plano para a Barcelona pós-Cerdà e o Benjamin Franklin Parkway na Filadélfia, de Jacques Gréber. Esse prestígio era ainda maior na América Latina, onde Forestier conseguiu trabalho em Buenos Aires e Havana, e Maurice Rotival em Caracas.

O urbanismo francês foi rejeitado pela historiografia do século XX, tendo em vista a associação de autores como Giedion, Zevi, Pevsner e Hitchcock às premissas do movimento moderno. Além disso, a errônea associação de suas formas urbanas com aquelas desenvolvidas pelos regimes autoritários dos anos 1930 reforçou esse esquecimento.

### ***O Arquiteto Beaux-Arts e a Metr pole***

O surgimento do urbanismo na última década do século XIX foi um complexo processo de transforma o e reinven o de muitas disciplinas. Muitos dos profissionais atuantes nesse processo, Patrick Geddes e Ebenezer Howard, por exemplo, vieram de campos disciplinares alheios   arquitetura. Apesar das interpreta es historiográficas, que usualmente desconsideram o papel dos arquitetos de Belas Artes nesse processo, acreditamos que mesmo os arquitetos entrincheirados nas academias foram capazes de responder a esses novos desafios e de propor sua visão da futura metrópole.

O retrato da * cole des Beaux-Arts* como estéril, repetitiva e alienada das situa es contemporâneas, criado pela historiografia do movimento moderno, ainda persiste. Apesar dos esforços da historiografia nas últimas décadas (EGBERT, 1980, MIDDLETON, 1982, DREXLER, 1977) nosso conhecimento sobre a *Beaux-Arts* ainda precisa avançar. O sistema *Beaux-Arts* não era monolítico e isolado, mas poroso e capaz de responder às mudanças. Apesar de não estar oficialmente expresso, a * cole* incorporou abordagens de outras áreas, como a geografia e a sociologia e inova es técnicas e científicas. Na virada do século XIX para o XX, existia um grande interesse na * cole* pela disciplina do urbanismo.

O grupo de estudantes que venceu os prestigiados Prix de Rome durante a primeira década do século XX ilustrou essa tendência. Essa gera o, que iria tornar-se o mais conhecido grupo de urbanistas franceses, incluiu Tony Garnier (vencedor em 1899), Paul Bigot (1900), Jean Hulot (1901), Henri Prost (1902), Leon Jaussely (1903) e Ernest Hebr rd (1904) (EGBERT, 1980, p.190-191, PINON & AMPRIMOZ, 1988, p.434). No final do quarto ano de suas estadas na Academia Francesa de Roma, eles deveriam apresentar uma pesquisa completa sobre um complexo monumental, mostrando seu estado e uma proposta de restaura o.<sup>7</sup> Os títulos dos trabalhos, referindo-se aos grandes monumentos da Antiguidade, parecem soar,   primeira vista, como a continua o de uma tradi o imutável, mas um olhar mais cuidadoso revela que, mais do que uma imaginativa reconstru o de ruínas, eles já estavam enfocando o problema da cidade moderna. A escala e a complexidade dos problemas e a abordagem dos autores revela diferenças em rela o   gera o anterior. Além da famosa *Cité Industrielle* de Tony Garnier, projetos como a Acrópole de Selinus de Jean Hulot, de 1906, e a reconstru o do Fórum de Pompéia de Leon Jaussely, de 1908, são bons exemplos dessa aten o aos temas urbanos. Esses autores

reconstruíram secções inteiras de cidades antigas, retratando dinâmicos ambientes urbanos. Mesmo quando tinham por objeto edifícios, como as reconstruções do Circus Maximum de Bigot (1905), do Palácio de Diocleciano em Split de Hebrárd (1909) e da Hagia Sophia de Prost (1907) (fig 3), esses eram tratados dentro de uma dimensão urbana. Concebendo o impacto de tais edifícios sobre a cidade, esses jovens arquitetos prestaram atenção à relação entre seus projetos e o tecido urbano, retratando paisagens urbanas não apenas como um fundo distante, mas como um contínuo e como um problema a ser analisado e resolvido. Pode-se argumentar-se que nas décadas anteriores outros projetos da escola enfocaram complexos urbanos, mas havia um isolamento desses complexos em relação à cidade. Mesmo os temas da competição do Prix de Rome já apresentavam intenções urbanas, como o tema da Praça Pública, vencido por Leon Jaussely (fig.4). A reconstrução de Tusculum, enviada por Garnier de Roma, em 1903, cuidadosamente reconstruía as complexas funções de uma cidade em um palco antigo (fig.5). Essa geração tinha como tarefa retomar o papel da arquitetura no desenho da cidade moderna. Apesar de a palavra urbanismo ainda não estar sendo usada, era evidente que havia uma concepção urbanística.<sup>8</sup> Tony Garnier efetivamente desafiou a hierarquia da *Beaux-Arts*, mas seus efeitos foram exagerados pela historiografia modernista em sua busca de encontrar antecedentes e heróis para o movimento moderno.<sup>9</sup>

Como era esse método *Beaux-Arts* e como ele podia ser aplicado às cidades? O método de projeto do sistema *Beaux-Arts*, particularmente na segunda metade do século XIX, possuía alguns passos: primeiro, estabelecia-se um programa, um série de requisitos. Segundo, fazia-se um rápido esboço, *esquisse*, contendo a idéia essencial. Terceiro, estudava-se cada parte do programa em detalhe com desenhos em escala grande. Quarto, escolhia-se uma dessas partes como a principal, sintetizando o caráter do edifício. Por fim, distribuía-se e alocaavam-se as partes ao longo de um ou mais eixos, criando a síntese final (VAN ZANTEN, 1977, p.112,115) .

A passagem entre o edifício e a cidade não era mecânica, porque o urbanista, como já foi referido aqui, deveria estar aparelhado com outros instrumentos para lidar com a cidade moderna, mas as linhas gerais do método estavam mantidas. Primeiro, o urbanista deveria estabelecer um programa, lançar a um esboço com a essência da idéia, proceder ao estudo detalhado de cada parte isoladamente, para finalmente criar a forma final da cidade. Essa geração oriunda da *Beaux-Arts* acreditava que o arquiteto, devido à natureza de seu ofício -- organizar idéias, arranjar espaços e

dar-lhes uma forma final--, seria o profissional mais preparado para ser o urbanista. O urbanismo, portanto, detinha um intenso componente arquitetônico (MOREIRA, 2004, p.112-114).

Os elementos clássicos adotados na visão urbanística da *Beaux-Arts* foram elaborados bem antes da fundação da *École*. Ela pode ser encontrada na tratadística italiana do Renascimento, particularmente com os tratados de Alberti, Filarete e Martini, nos famosos painéis de Urbino e em algumas intervenções renascentistas, como em Pienza e Vigevano. No entanto, essa tradição de pensar as cidades nem sempre foi contínua. Françoise Choay refere-se a uma “regressão vitruvianizante”, um processo no qual os arquitetos dos séculos XVII, ao invés de seguirem o rico caminho aberto por Alberti, elegeram Vitruvius como a principal fonte de todo saber arquitetônico e urbanístico. Segundo CHOAY, tal processo levou ao aprisionamento do discurso arquitetônico dentro de códigos estilísticos, enfatizando as ordens e os métodos de desenho. Essa abordagem esteve presente na fundação da Academia Francesa, antecessora da *École* (1997, p.182-192). É possível usar esse argumento para entender como a cidade deixou de ser o objeto primordial de teorização pelos arquitetos nos séculos XVI e XVII. A crescente especialização imposta pelas novas técnicas de fortificação certamente contribuiu para esse abandono.

Em meados do século XVIII, dois teóricos franceses iriam fazer importantes contribuições para a forma de pensar a cidade: Marc-Antoine Laugier e Pierre Patte. O famoso *Essai sur L'Architecture* (1753) de Laugier estipulava que a beleza da cidade dependia de entradas majestosas, de um claro esquema viário e uma de ação, por parte das autoridades nos exteriores dos edifícios, no sentido de criar ambientes mais harmônicos (LAUGIER, 1977). Já Pierre Patte introduziu uma série de conceitos científicos, enfatizando o problema da higiene e a necessidade de uma suficiente distribuição de água, luz e ventilação. Ele via a cidade como um sistema de circulação e de trocas, no qual o fluxo (de água, pessoas e ar) deveria ser desobstruído e que tudo passasse a ser concebido enquanto um sistema (PATTE, 1769). Os escritos de Laugier e de Patte podem ser considerados como pioneiros no urbanismo moderno. Ao atualizarem as imagens renascentistas com os novos conceitos científicos e estéticos, eles produziram importantes diretivas para o futuro da cidade e anteciparam as aspirações da nova elite liberal do século XIX.

De acordo com Barry Bergdoll, a emergência de uma novo público e da noção de cidadania, proporcionada pelas revoluções liberais, impôs novas demandas e novos desafios aos arquitetos. A convicção de que edifícios públicos e espaços urbanos monumentais poderiam encorajar uma

renovação da vida cívica é um dos mais importantes legados do Iluminismo (BERGDOLL, 2002, p.43-44, HABERMAS,1989) . A arquitetura, como a mais pública das artes, teria um papel ético, não apenas simbolizando, mas também moldando o novo cidadão e a nova sociedade. Essas concepções levaram à evocação da vida pública e da grandeza arquitetônica da Antiguidade Clássica. O desafio dos arquitetos agora seria comunicar as novas funções e os novos ideais com os elementos da linguagem clássica. Arquitetos como Charles de Wailly e Le Camus de Mezières manipularam formas clássicas para evocar significados, contribuindo para formar essa nova dimensão pública da arquitetura. A capacidade da arquitetura de transmitir mensagens, ditar comportamentos e encorajar noções de cidadania e pátria foi intensamente explorada ao longo do século XIX (BERGDOLL, 2002, p.62, 105, 113). Para Quatremere de Quincy, por exemplo, arquitetura era uma instrumento de instrução pública, de engrandecimento moral e de transformação da sociedade.

Tais idéias foram logo introduzidas no tecido urbano da cidade. O vocabulário clássico, despido de ornamentações, estava de acordo com as novas demandas do capital comercial parisiense, as quais geraram intervenções como as da *Rue des Colonnes* e da *Rue de Rivoli*, iniciadas em 1793 e 1802, respectivamente. Retomando as idéias de Laugier e Patte, esses projetos adotaram uma série de relações entre a altura dos edifícios e a largura da rua, a harmonização das linhas arquitetônicas, o alinhamento de aberturas, os recuos nos últimos andares e, particularmente, as arcadas, que criavam espaços agradáveis para o público enquanto maximizavam espaços para aluguel. Regulamentos garantiam a unidade desses conjuntos que criavam um fundo apropriado para enaltecer monumentos e edifícios públicos.

As grandes remodelações urbanas do século XIX, como as reformas de Haussman, foram frutos dessa herança, agora introduzindo uma estética mais atualizada, na qual grandes *boulevards* emolduravam monumentos e edifícios notáveis com suas longas perspectivas. Já sabemos como essas imagens parisienses influenciaram inúmeras cidades ao redor do mundo, mas elas também serviram como fonte de inspiração para os urbanistas franceses, apesar da crítica que endereçavam ao programa de Haussmann como um todo.

O sistema *Beaux-Arts* foi capaz de gradualmente absorver essas novas abordagens da cidade ao longo do século XIX. Os textos fundamentais que guiaram a prática da escola no final do século XIX também contribuíram para a incorporação da cidade como um objeto de estudo. *Elements et*

*Théories de l'Architecture* (1902-1904), de Julien Guadet, propôs uma união entre a funcionalidade e a composição abstrata. Apesar de seu aspecto estático, normativo e mecânico e de seu desinteresse pelas cidades, o livro de Guadet abriu novas perspectivas para que os arquitetos abordassem problemas contemporâneos mais complexos (RYKWERT, 1982, 11-12). Já Auguste Choisy, em sua *L'Histoire de l'Architecture* (1890), propôs uma abordagem materialista e evolucionista para as formas arquitetônicas, que também considerava fatores geográficos, econômicos, técnicos e sociais. Guadet e Choisy ofereceram uma síntese do pensamento *Beaux-Arts* e, ao fazerem isso, paradoxalmente mostraram os limites dessa tradição e liberaram jovens arquitetos para enfrentarem novos e mais complexos problemas. A visão de cidade da *Beaux-Arts* nasceu da mediação que os arquitetos procuraram fazer entre a tradição herdada da *École* e as novas demandas impostas pela metrópole.

Como exemplo desse conflito entre seguir uma tradição e enfrentar novos problemas, a *Cité Industrielle* de Tony Garnier merece um olhar mais apurado. Enquanto um certo número de conceitos da *Cité Industrielle* se tornou comum ao urbanismo modernista, muitos elementos do passado ainda persistem nesse projeto (GARNIER, [1918], 1989; BANHAM, 1967, p.35-38, FRAMPTON, 1980, p.100-104, CHOAY, 1983, 243-244). A primeira impressão de irregularidade do plano não resiste a uma análise mais cuidadosa, que revela a clara e funcional articulação das partes por meio de um eixo central (fig.6). As avenidas retas e arborizadas que cortam simetricamente o setor residencial atestam seu débito para com a tradição clássica da *Beaux-Arts*. A notável simplicidade e nudez dos edifícios tem um papel importante na articulação dos espaços públicos, atestando a persistência da noção de *decorum* na dimensão pública da cidade (fig.7). Essa mediação entre o legado clássico e as novas demandas da vida moderna permeia cada detalhe da *Cité*. Garnier procurou reconciliar a serenidade atemporal da arquitetura clássica com as forças técnicas da industrialização. Teatros, assembléias, escolas competem de igual para igual com fábricas, hidrelétricas e usinas. Como pode ser percebido no texto, no qual Garnier raramente menciona a palavra indústria, a *Cité* não era um cidade mineira, mas um experimento urbano para um regime de bem-estar social. Apesar de ter proposto a *Cité* como um modelo em um local imaginário, Garnier foi sensível ao sítio e estava preocupado com problemas reais das cidades (FRAMPTON, 1980, p. 102, BANHAM, 1967, p.36).

Garnier e Agache possuem muitas semelhanças e ilustram os dilemas e desafios proporcionados pela vida moderna a essa geração. Eles tinham em comum a crença de que existiria uma

arquitetura perene que deveria ser adaptada a diferentes momentos e circunstâncias, e que o arquiteto seria capaz de enfrentar o problema da cidade moderna. Eles tinham como tarefa reconciliar o sistema *Beaux-Arts* com a cidade moderna. Uma análise de outros projetos menos conhecidos de Garnier, como seu projeto para Marselha, de 1913, revela muitas similaridades com os planos Agache, como o uso de blocos de edifícios, edifícios que ocupam o limite do lote e com pátios internos, andares recuados nos últimos andares (fig.8) (DELORME, 1981, p.20-22).

Agache era definitivamente um arquiteto da *Beaux-Arts* e isso estava presente em seu método de pensar e projetar cidades. Sua visão de uma cidade moderna estava não só estava baseada em formas clássicas, mas estava profundamente enraizada na tradição tratadística. Agache associava o funcionamento e a beleza de uma cidade com aqueles do corpo humano. Para ele, uma boa cidade seria “um organismo, como o organismo humano, no qual a circulação (vias), a digestão (sistema sanitário), a respiração (espaços abertos) eram convenientemente dispostos e disponíveis...” (AGACHE, 1935, p.5) Agache empregava a noção albertiana de que a beleza é o resultado da harmonia entre as partes (ALBERTI, 1988, p.56). Alberti definiu *compartitio* como a articulação das partes de um todo único e harmônico. Segundo ele, os cômodos de uma casa (assim como os espaços de uma cidade) deveriam ser proporcionais entre si, estando cada um em seu “lugar e posição corretos” (p.23). Se a cidade é como uma grande casa, como Alberti defendeu, o planejamento da cidade também deve tomar em consideração a relação entre suas partes, assegurando que elas sejam relacionadas e proporcionais entre si. Se a beleza da cidade reside nas proporções harmônicas de suas partes, o papel do urbanista, tanto para Agache como para Alberti, seria o de orquestrar os elementos da cidade em um todo harmônico: “a tarefa do urbanista é interpretar os dados científicos e técnicos e traduzi-los em um harmônico e belo conjunto de formas.”(AGACHE, 1930, p.8) Para Agache, ao intervir em uma cidade, o urbanista deve identificar os elementos básicos da cidade, alocá-los na estrutura urbana, estabelecendo uma relação adequada entre eles e suas funções. Concebendo a cidade como um problema arquitetônico, Agache acreditava que ela deveria ser harmônica, não apenas no plano mas sobretudo em termos plásticos e volumétricos. Apesar de Agache estar lidando com uma tarefa bem mais complexa do que a do tempo de Alberti, os princípios básicos da forma de abordar o problema não foram alterados.

A rotulação do trabalho dessa geração de “urbanistas *Beaux-Arts*” tem obscurecido a real complexidade desse período. Posteriormente mencionado por Le Corbusier e Giedion, Garnier

tornou-se o único nome reconhecido dessa geração que permaneceu desconhecida porque não desafiou abertamente os dogmas da *École*. Agache e seus colegas, entretanto, perceberam que a abordagem da *Beaux-Arts* não responderia à crescente complexidade das cidades no final do século XIX. Agache nunca ganhou o Grand-Prix, provavelmente porque estava mais interessado em estudar outras disciplinas, que poderiam contribuir mais diretamente para a sua formação.<sup>10</sup>

\* \* \*

Agache absorveu diferentes tradições para criar a sua própria teoria urbanística. Para termos uma figura completa do urbanismo agachiano, e também do urbanismo da SFU, faz-se necessário compreender a particularidade como ele combinou elementos de sua formação arquitetônica na *Beaux-Arts* com seus interesses pela sociologia e com as novas idéias de urbanismo surgidas no início do século XX. Este texto procurou analisar a primeira dessas três vertentes.

Agache acreditava que a cidade era um produto social. Segundo ele, o urbanismo era não apenas uma arte e uma ciência, mas uma forma de intervir no social, uma “filosofia social”(AGACHE, 1935, p.6). Ele acreditava no poder do urbanismo em moldar uma sociedade e em prover um sentido social para a comunidade. Suas idéias sobre a sociedade foram influenciadas pela nascente sociologia francesa da virada do século, particularmente pelos estudos de Frédéric Le Play e Gabriel Tarde. Uma outra influência decisiva no pensamento de Agache foi o trabalho de Émile Durkheim, sobretudo seu interesse pelo estudo de normas morais, valores cívicos e símbolos coletivos de identidade nacional, como importantes instrumentos para criar uma coesão social. Segundo Agache, a cidade não é composta apenas por edifícios submetidos às regras da composição arquitetônica, mas a sua forma e a disposição de suas partes devem condensar e exprimir valores sociais.

A construção da disciplina urbanismo envolveu uma complexa rede de transferência de idéias durante a última década do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Como foi visto, Agache participou ativamente do meio francês, repartindo idéias e métodos com outros profissionais. Dois mestres foram essenciais em sua formação: Marcel Poète, por seus estudos sobre a evolução urbana, e Eugène Hénard, pela sua preocupação com a rede viária na cidade. No entanto, isso não quer dizer que ele estava alheio às idéias estrangeiras. Podem-se detectar no pensamento e na obra de Agache influências de Patrick Geddes na forma de abordar as cidades, de Camillo Sitte nas suas preocupações com a beleza e a dimensão arquitetônica da cidade, de

Raymond Unwin no seu tratamento de áreas suburbanas e residenciais, e do movimento norte-americano City Beautiful nos seus grandes conjuntos monumentais. Agache seletivamente se apropriou de idéias de outros planejadores urbanos em uma combinação única.

Agache trouxe ao Brasil, em 1928, uma forma de pensar, abordar e planejar cidades. O Rio de Janeiro, mais do que qualquer outra cidade, tornar-se-ia um campo primordial de experimentação para Agache. O plano do Rio foi um marco não apenas para o urbanismo brasileiro, mas também um dos melhores exemplos do urbanismo da SFU.

### **Referências Bibliográficas**

- AGACHE, Donat Alfred, AUBURTIN, Jacques Marcel, REDONT, Edouard. *Comment reconstruire nos cités détruites; notions d'urbanisme s'appliquant aux villes, bourgs et villages*. Paris, A. Colin, 1916.
- AGACHE, Donat Alfred. *Cidade do Rio de Janeiro: remodelação, extensão e embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
- \_\_\_\_\_. *Nos agglomérations rurales: comment les aménager: étude monographique, analytique, d'un concours de plans de bourgs et villages*. Paris: Librairie de la construction moderne, 1918.
- \_\_\_\_\_. "La 'housing question' à Londres." *La Science Sociale* XXXIII (April, 1902): 359-368. (June, 1902): 530-542; XXXV, (March, 1903): 220-231; XXXVI (September, 1903): 237-256.
- \_\_\_\_\_. "La grande ville, la ville future." *Documents du progress* (July, 1914): 157-165.
- \_\_\_\_\_. "Les grands villes et leur avenir". In *Rapport Général/Conferences. Exposition de la Cité Reconstituée-Esthétique et Hygiene*, 25 Mai 15 Août, 1916, ed. L. Gaultier. Paris: Association Général de Hygiénistes et Techniciens Municipaux, 1917.
- \_\_\_\_\_. "Comment fait une plan de ville, les étapes d'une etude urbaniste conçue suivant l'ésprit et la letter de la loi de 14 mars 1919." In *Congrès Internationaux d'Urbanisme et d'Hygiene Municipal*. Strasbourg, 1923.
- \_\_\_\_\_. "Une exemple de sociologie appliquée: L'Urbanisme." *Les Études Sociales* 1935 n.1 (April, 1935). 3-21.
- \_\_\_\_\_. *Lisbonne: Urbanisation de la Région Ouest*. Paris, 1936.
- ALBERTI, Leon Battista. *On the Art of Building on Ten Books*, translated by Joseph Rykwert, Neil Leach and Robert Tavenor. Cambridge: The MIT Press, 1988.
- ALBUQUERQUE FILHO, Luiz Rodolpho "A obra do urbanista Agache: sua atuação no Brasil." *Revista do Club de Engenharia*, 276 (Ago, 1959), 37-59.
- ANHAIA MELO, Luiz de. Um grande urbanista francês: Donat-Alfred Agache. *Revista Politécnica*, 85/6, São Paulo, (Mai/Jul, 1928): 70-8.
- BANHAM, Reyner. *Theory and Design in the First Machine Age*, 2d ed. New York: Praeger, 1967.
- Bardet, Gaston. *Nouvel Urbanisme*. Paris: Vincet Fréal, 1948.
- BEAUDOIN, Eugene. "Société Française des Urbanistes Cinquante ans d'urbanisme." *Urbanisme* 31, n.77 (Oct-Dec, 1962), 19-20.
- BERGDOLL, Barry. *European Architecture 1750-1890*. New York: Oxford University Press, 2002.

- BRUANT, Catherine. "Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada." In *Cidade, povo, nação: gênese do urbanismo moderno*, ed. Luiz Cesar Ribeiro and Robert Pechman, 167-202. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994A.
- \_\_\_\_\_. "Un architecte à l'école d'énergie: Donat Alfred Agache, du voyage à l'engagement colonial." *Revue du Monde Musulman et de la Méditerranée*, n.73-74 (1994B): 99-115.
- \_\_\_\_\_. "Donat-Alfred Agache: l'architecte et le sociologue." *Les Études Sociales* 122 (1994C): 23-65.
- CAROLLO, Bráulio. *Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PUC-PR, 2002.
- CHOAY, Françoise. *The Rule and the Model: On the Theory of Architecture and Urbanism*. Cambridge: The MIT Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Pensées sur la ville, arts de la ville." In *Histoire de la France Urbaine 4. La ville de l'âge industriel: le cycle haussmannien*, ed. Georges Duby. Paris: Editions du Seuil, 1983.
- DELORME, Jean Claude. "Des plans d'aménagement et d'extension des villes françaises." *Cahiers de la Recherche Architecturale* VIII (1981): 10-29.
- DREXLER, Arthur, ed. *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. New York: MoMA, 1977.
- EGBERT, Donald Drew. *The Beaux-Arts Tradition in French Architecture, illustrated by the Grand Prix de Rome*. New York: Princeton Architectural Press, 1980.
- ELWITT, Sanford. "Social reform and social order in late nineteenth century France: The Musée Social and its friends." *French Historical Studies* n.11 (1980): 431-451.
- FRAMPTON, Kenneth. *Modern Architecture: A Critical History*. London: Thames and Hudson, 1980.
- GARNIER, Tony. *Une cité industrielle. Étude pour la construction des villes*. Paris: A Vincent, 1918, Reprint, New York: Princeton Architectural Press, 1989.
- GAUDIN, Jean Pierre. *Dessins de villes, "art urbain" et urbanisme*. Paris: L'Harmattan, 1991.
- \_\_\_\_\_. *L'Avenir en plan: Technique et politique dans la prévision urbaine 1900/1930*. Paris: Camp Valon, 1985.
- HABERMAS, Jurgen. *The Structural Transformation of the Public Sphere, an Inquiry into a Category of Bourgeois Society*, translated by Thomas Burger. Cambridge, The MIT Press, 1989.
- LANGLADE, Émile. *Donat-Alfred Agache: architecte, urbaniste, sociologue, Extrait des artistes de mon temps* Paris, 1935.
- LAUGIER, Marc Antoine, *An Essay on Architecture*, translated and with an introduction by Wolfgang and Anni Hermann. Los Angeles: Hennessey and Ingalls, 1977.
- LOBO, Margarida. *Planos de urbanização à época de Duarte Pacheco*. Lisboa: FAUP, 1998.
- MIDDLETON, Robin, ed. *The Beaux-Arts and Nineteenth Century French Architecture*. Cambridge: The MIT Press, 1982.
- MOREIRA, Fernando. *Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanisms in Brazil, 1920-1950*. Ph.D. Diss., Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004.
- PATTE, Pierre. *Memoirs sur les objets les plus importants del'architecture*. Paris: Chez Rozet, 1769.
- PINON, Pierre, AMPRIMOZ, François. *Les envois de Rome (1778-1968): Architecture et archéologie*. Rome: École Française de Rome, 1988.
- PINON, Pierre. "Gli 'envois de Rome': tradizioni i crisi." *Rassegna*, 17, VI (1984): 17-21.

RABINOW, Paul. *French Modern: Norms and Forms of the Social Environment*. Cambridge: The MIT Press, 1989.

RYKWERT, Joseph. "Beaux-Arts and the Classical Tradition." in *The Beaux-Arts and Nineteenth Century French Architecture*, ed. Robin Middleton, 9-14. Cambridge: The MIT Press, 1982.

STÜBBEN, Joseph. *Der Stadtebau*, 2d ed. Stuttgart: Alfred Kroner Verlag, 1907.

SUTCLIFFE, Anthony. *Towards the Planned City: Britain, Germany, The United States and France, 1780-1914*. Oxford: Blackwell, 1981.

TOUGERON, Jean Christophe. "Donat-Alfred Agache, un architecte urbaniste: un artiste, un scientifique, un philosophe." *Cahiers de la Recherche Architecturale* VIII, (1981): 31-48.

UNDERWOOD, David. "Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in France and Brazil." *Journal of the Society of Architectural Historians*, 50, n2, (June, 1991): 130-166.

VAN ZANTEN David, "Architectural Composition at the École des Beaux-Arts from Charles Percier to Charles Garnier" in *The Architecture of the École*, ed. Arthur Drexler, New York: MoMA, 1977.

WOLF, Peter. *Eugène Hénard and the Beginning of Urbanism in Paris. 1900-1914*. Haya: International Federation for Housing and Planning, 1968.

WRIGHT, Gwendolyn. *The Politics of Design in French Colonial Urbanism*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.



Fig 1. Alfred Agache, Camberra Plan (1913)  
Catherine Bruant, "Donat Alfred Agache (1875-1959)..."  
in *L'Urbanisme* 321, p.79

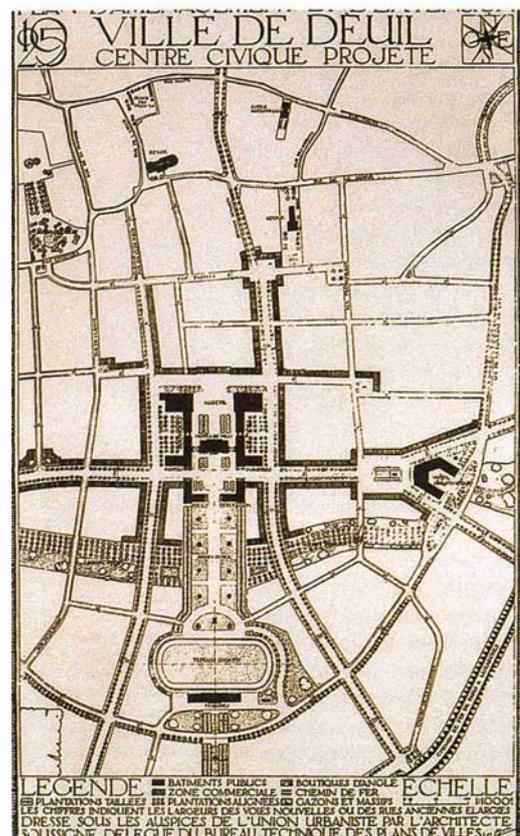


Fig. 2. Agache, Deuil la Barre, Plan (1926)  
*Institute Française d'Architecture (IFA)*

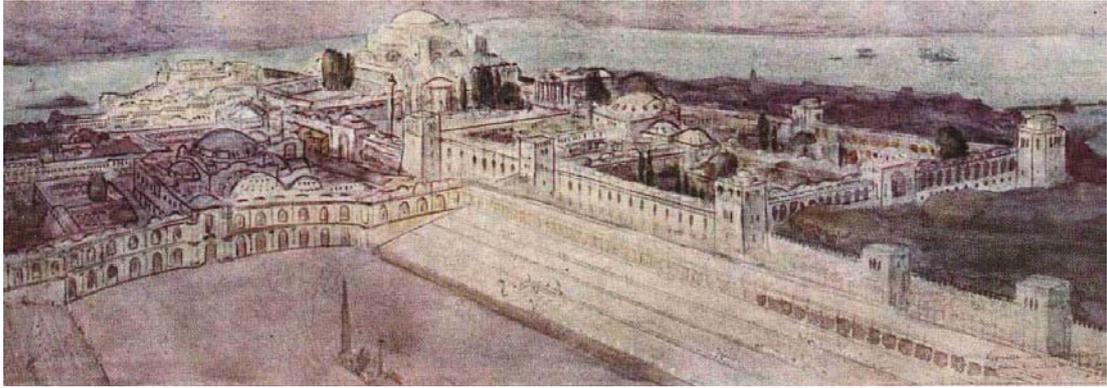


Fig. 3. Henri Prost. Reconstrução do Palácio dos Imperadores e de Hagia Sophia (1903)  
*L'Oeuvre de Henri Prost, p.15*



Fig. 4. Leon Jausselly, Praça para o Povo, Prix Chavanard (1900)  
*Pierre Pinon, "Gli 'envois de Rome'..." Rassegna, 17, p.20*

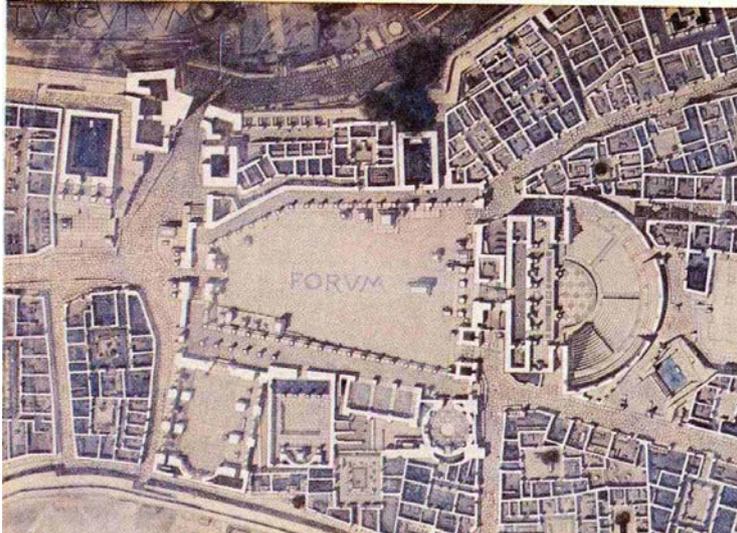


Fig. 5. Tony Garnier, reconstrução de Tusculum (1903)  
*Tony Garnier, Tusculum, p.17*

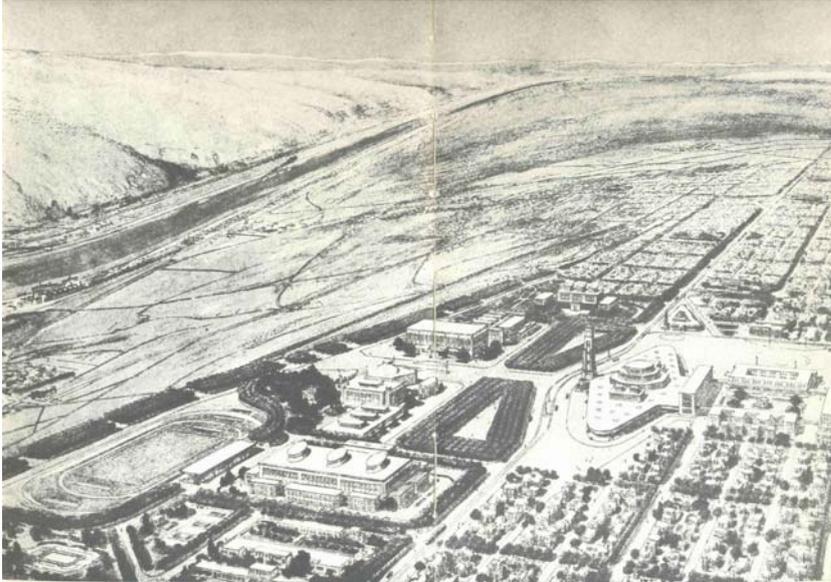


Fig. 6. Tony Garnier, La Cité Industrielle, vista geral  
*Dora Wiebenson, Tony Garnier, 40-41*



Fig. 7. Tony Garnier. La Cité Industrielle, assembléia  
*Dora Wiebenson, Tony Garnier, 44*

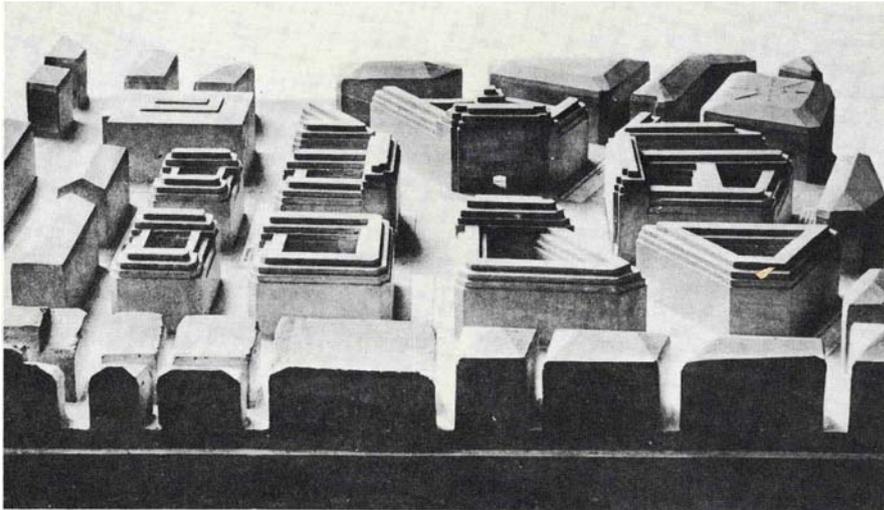


Fig. 8. Tony Garnier. Marseilles Plan (1913), Model

Delorme, "Plans d'aménagement" *Cahiers de la Recherche Architecturale*, VII, p.22

- 
- <sup>1</sup> Infelizmente, os arquivos de Agache foram perdidos e informações esparsas sobre sua trajetória podem ser encontradas em suas publicações. Para uma nota bibliográfica, ver Langlade (1935). Para informações sobre as idéias de Agache ver: MOREIRA (2004, p.83-88, 116-134); BRUANT (1994a, p.175-194; 1994b, p.102-112; 1994c, p.36-45); UNDERWOOD (1991, p.133-140).
- <sup>2</sup> A documentação sobre Agache na École encontra-se nos Archives Nationales de France: Document AJ 52 400, *École des Beaux-Arts- Dossier individuels des élèves, Architecture, XLVIII-XLIX, Presences du Janvier 1901 au 31 decembre 1910 (Abella-Berrier)*, Archives Nationales de France. Agache frequentou o Atelier de Victor Laloux.
- <sup>3</sup> As cidades fluminenses foram Campos, Cabo Frio, Araruama, Petrópolis, São João da Barra and Atafona, no. Existem poucas referências sobre o trabalho de Agache no Brasil após 1939. Albuquerque Filho, 1959, p. 38-39
- <sup>4</sup> De fato, ela foi fundada como *Société Française des Architects Urbanistes* (SFAU), mas o nome foi mudado para *Société Française des Urbanistes* (SFU) em 1919. Para uma história da SFU: WOLF, 1968, p. 77-90; BEAUDOIN, 1962, p.19-20; WRIGHT, 1993., p.25-28 GAUDIN, 1985, p.31-57.
- <sup>5</sup> A origem do termo *urbanisme* continua um assunto controverso. Agache afirma que ele cunhou o termo em 1912 enquanto Prost defende que ele participou de sua invenção com outros quatro arquitetos no mesmo ano. Apesar de o termo *urbanisme* aparecer pela primeira vez em uma jornal suíço de geografia em 1910, este grupo francês foi o primeiro a utilizá-lo com este sentido que conhecemos hoje. O importante é que eles não estavam procurando por um equivalente em francês para um termo que já existia em outras línguas, como Town Planning, Städtebau ou Civic Art. Eles procuravam um termo mais abrangente que sintetizasse um método e uma filosofia social.
- <sup>6</sup> Henri Prost and Leon Jaussely utilizaram alternativamente estes termos. GAUDIN, 1991, p. 28; TOUGERON, 1981, p.33. Stübgen nomeou um capítulo de "*Französischen Städtebau*" em seu *Der Städtebau* (STÜBBEN, 1924). Gaston Bardet adotou o termo em *Nouvel Urbanisme* (BARDET, 1948).
- <sup>7</sup> Ao final do segundo ano, os *pensionnaires* apresentavam desenhos de fragmentos arquitetônicos de um monumento da antiguidade. Ao final do terceiro ano, eles apresentavam um monumento completo e no final do quarto ano, um levantamento do estado atual e restauração proposta. A crítica que Garnier recebeu por sua primeira versão da *Cité* em 1901 levou-o a enviar propostas para a reconstrução da cidadela de Tusculum PINON, 1984, p.17.
- <sup>8</sup> Apesar de Egbert corretamente afirmar que a palavra 'urbanisme' só foi oficialmente mencionada na escola apenas em 1939, a preocupação com as cidades já estava presente muito antes (EGBERT, 1980, p.148, WRIGHT, 1991, 56-61).
- <sup>9</sup> Descrevendo a correspondência torçada entre o diretor da Academia Francesa em Roma e seus superiores em Paris sobre o caso Garnier, Pinon afirma que apesar da crise, Garnier foi encorajado a continuar seu projeto e as duas partes trabalharam para uma reconciliação. (PINON, 1984, p.18).
- <sup>10</sup> No seu dossiê na École, não há indicações da participação de Agache na competição do Prix-de Rome entre 1900 e 1905. Neste mesmo período ele estava envolvido em cursos em sociologia. *Document AJ 52 400 École des Beaux-Arts- Dossier individuels des élèves*, Archives Nationales de France.